

**PERFIL**

# Heloísa Helena, cada vez mais o fiel da balança

*Escalada da candidata do PSol cria possibilidade de disputa ir para o segundo turno*

LILIANA LAVORATTI\*  
SÃO PAULO

O crescimento nas pesquisas de intenção de votos da combatente senadora alagoana Heloísa Helena está transformando a candidata do PSol à Presidência da República na fiel da balança entre a reeleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e a vitória do ex-governador paulista Geraldo Alckmin (PSDB), principal porta-voz da oposição. Ao alcançar cerca de 10% das intenções de votos, ela embolou o meio de campo da disputa, apontando para a possibilidade de um segundo turno na competição que até então tinha tudo para ser decidida no primeiro turno, favoravelmente ao governo.

Essa possibilidade ficou ainda mais forte a partir de sexta-feira, quando o ex-governador do Rio, Anthony Garotinho, anunciou apoio à candidatura da alagoana à Presidência da República. Enquanto pré-candidato ao Planalto, Garotinho tinha entre 15% e 20% das intenções de voto. No Recife, onde fazia campanha, Heloísa disse que todos os apoios seriam bem-vindos, porém alertou que não fará nenhum tipo de concessão a Garotinho para que ele se entregue à campanha. "Concessão zero", contou. Um dos coordenadores da campanha da senadora, o deputado Chico Alencar (Psol-RJ) contou que o ex-governador não terá espaço em um eventual governo de Heloísa.

A ex-petista, expulsa em 2003 do partido que levou Lula ao Palácio do Planalto em 2002 também está colorindo a até agora pouco entusiasmada corrida presidencial. Ao contrário das quatro eleições presidenciais diretas anteriores, a campanha reflete a ressaca da crise política vivida pelo País. O baixo entusiasmo generalizado é o sinal de que quase ninguém se arrisca a defender os políticos, que nos últimos doze meses protagonizaram uma sucessão de escândalos. Espera-se que a temperatura fria comece a subir a partir deste dia quinze, com a largada dos programas de tevê e rádio no horário da propaganda eleitoral gratuita.

Embora a disputa continue muito polarizada entre Lula e Alckmin, o significativo aumento da intenção de votos na candidata do PSol movimentou o cenário eleitoral ao apontar para a possibilidade de realização de um segundo turno na corrida presidencial. Segundo os últimos levantamentos *Vox Populi*, *Datafolha* e *Ibope*, já beiram os 10% o eleitorado que votaria na senadora se as eleições fossem hoje, ante menos de 5% registrados até junho. Eles estão concentrados entre os eleitores de maior faixa de renda — acima de dois salários mínimos — e instrução mais elevada. E pertencem a redutos tradicionalmente petistas, como o Rio Grande do Sul, onde 15% dos gaúchos declararam preferência pela alagoana.

É cedo para avaliar a consistência do desempenho de Heloísa Helena, o que ainda será testado, afirma o cientista político do Ibmec São Paulo, Carlos Melo. "A exemplo de Lula e Alckmin em outros momentos, a candidata do PSol se beneficiou de sua grande exposição no noticiário durante o mês de julho", ressalta o analista. Por enquanto, a ascensão da senadora alagoana no cenário eleitoral pode ser compreendida como fenômeno favorável ao candidato tucano porque contribui para um segundo turno ao ajudar a evitar que Lula conquiste mais de 50% dos votos válidos em primeiro de outubro, sublinha Fer-

nanda Machiaveli, analista da Tendências Consultoria.

**INSATISFEITOS COM LULA**

A segunda constatação é de que Heloísa Helena está crescendo entre os eleitores insatisfeitos com o governo Lula. Apesar de terem optado por uma candidata mais à esquerda como alternativa, a parcela majoritária desses eleitores preferiria votar no tucano Alckmin a reelegger Lula. "Se a competição chegar ao segundo turno, os eleitores da candidata do PSol penderiam para o lado de Alckmin, e não de Lula", afirma Machiaveli.

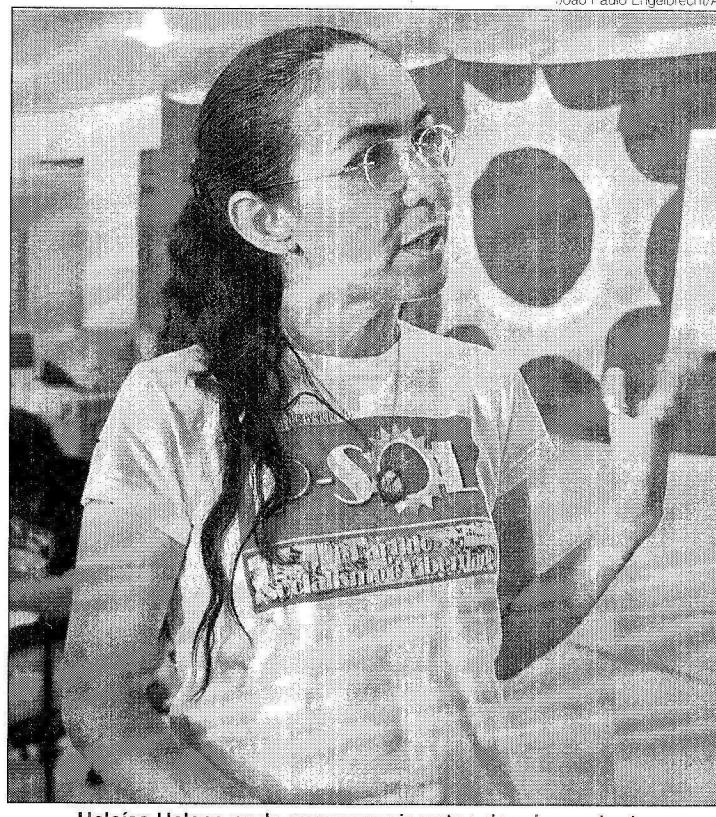
Os cruzamentos dos números do último levantamento do Datafolha mostram que 56% dos eleitores que declararam voto na candidata do PSol votariam em Alckmin no segundo turno — contra somente 27% que prefeririam Lula. E 46% deles trocariam de opção até o primeiro turno. A analista da Tendências identificou ainda que esses números são compatíveis com a rejeição ao presidente entre os eleitores da senadora: 61% afirmam que não votariam em Lula de jeito nenhum, contra 29% que não votariam em Alckmin.

Já entre os eleitores de Lula e Alckmin o voto "crystalizado"

**À vontade, a senadora aponta o dedo em riste contra a "gentalha dos sabotadores do desenvolvimento econômico"**

é maior — dos 44% favoráveis à reeleição, 33% disseram que não mudariam de opinião, a exemplo de 18% dos 28% dos eleitores do presidenciável tucano. "Nesse sentido, o crescimento da senadora deve ser uma preocupação para os planos do atual presidente".

Enquanto os analistas tentam entender o fenômeno que está



Heloísa Helena pode agregar mais votos dos descontentes

ajudando a mudar o cenário das eleições presidenciais — o melhor desempenho de Alckmin e uma leve curva descendente de Lula são outro fator da alteração de expectativas em relação ao resultado das urnas —, tucanos comemoram discretamente e petistas começam a vislumbrar o que mais temiam: a realização do segundo turno numa eleição polarizada entre PT e PSDB. Não é por menos que ao inaugurar o comitê de campanha em Brasília, o presidente-candidato mandou um recado para a militância: afirmou que tem tudo para ganhar um segundo mandato, mas alertou que a eleição não está ganha.

Heloísa Helena se sente cada vez mais à vontade para apontar seu dedo em riste contra a "gentalha dos sabotadores do desenvolvimento econômico" — como se refere ao mercado financeiro —, "os legitimadores da verborragia neoliberal" — governos FHC e Lula — ou os "três moleques de recado do

mercado financeiro", representados pelos ministros da Fazenda, do Planejamento e pelo presidente do Banco Central, condutores da política econômica. Com freqüência, avisa aos bancos: "Acabou a boquinha, agora é a vez do povo brasileiro".

**OUSADIA VAI ALÉM**

A ousadia não fica nisso. A peregrinação exausta País afora, que quase provocou desmaio na franzina candidata durante visita ao Nordeste, incluiu o berço político do PT e cidade que projetou Lula no cenário nacional — São Bernardo do Campo, na região do ABC paulista. Em um comício improvisado nas escadarias da Igreja matriz local, e bem ao estilo que marcou o surgimento do PT décadas atrás, a senadora recebeu apoio de uma parcela dos metalúrgicos que lutam contra as demissões programadas pela Volkswagen e provocou frisson entre cerca de 50 militantes portando bandeiras do PSOL, PSTU e

União da Juventude Comunista.

Saudada aos gritos de "ela é socialista, é radical, é uma mulher com dois agás, corajosa e arretada", Heloísa Helena deixa de lado o discurso ácido para devolver o carinho dos apoiadores, distribuindo beijinhos e chamando o público de "meus amores", numa relação entre candidato e eleitoral que tende a desaparecer no atual clima de esgotamento da política. "Por que o Luiz Marinho, ex-companheiro e atual ministro do Trabalho não está aqui prestando solidariedade aos ameaçados de demissão? Porque isso não é bom para a reeleição do Lula", alfinetava Emanuel Oliveira da Silva, dirigente do PSTU, sigla de socialistas radicais aliados da candidatura do PSOL.

Com a ajuda de um microfone emprestado de uma moto-som de palhaço que alimentava a esperança de conseguir um trabalho na campanha, a candidata disse que ao optar por esse tipo de contato com o eleitor, com parcos recursos, está dando a prova de que "aqui não estão os sangueus das Pátria e nem os mensaleiros", afirmou uma enfática Heloísa.

"Isso aqui vai quase à exaustão física, andamos de carro de um lado para outro, enquanto jatinhos cruzam o céu e dólares passeiam pelas peças do vestuário íntimo", referindo-se ao flagra de um assessor de deputado petista portando moeda americana na cueca.

**CAMPANHA FRANCISCANA**

Aliás, rigor no financiamento da campanha é outra coisa que Heloísa não abre mão. Ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE), o partido informou que pretende fazer uma campanha franciscana, gastando R\$ 5 milhões. Desse, R\$ 300 mil no programa do horário gratuito de tevê e rádio e outros R\$ 100 mil em gráfica para produção de impressos. Segundo o tesoureiro do PSOL, Martiniano Cavalcante, esses re-

cursos serão conseguidos com "pequenas doações", pois a legenda dispensará contribuições de banqueiros, empreiteiras, multinacionais. A decisão pretende preservar a autonomia da campanha de Heloísa, desvinculando a candidata de "interesses de grupos econômicos".

Esse rigor foi demonstrado semana passada quando a candidata demitiu o jornalista Antônio Jacinto Filho, que tinha um cargo de confiança em seu gabinete no Senado, pago pelo Congresso. Ele perdeu o emprego por ter enviado à imprensa a agenda da candidata. A atitude visou evitar acusação de uso da estrutura do Senado. "Até porque, se eu estou há quatro anos sem usar nem a gráfica do Senado, que eu tenho direito, é inacreditável. Até porque eu passei toda a minha vida com rigor ético implacável, desafiando qualquer canalha do mundo da política. É um bom pai, um bom rapaz, mas teve que ser demitido", justificou.

**NÃO ASSUSTA O MERCADO**

O mercado só ficará preocupado com o discurso socialista radical da senadora Heloísa Helena se ela atingir 20% das intenções de voto na corrida presidencial — o que só poderia acontecer em um eventual segundo turno entre o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Geraldo Alckmin (PSDB). Por enquanto, as afirmações taxativas revelando o desejo de uma guinada total na condução da política econômica não passam de curiosidades para os analistas das instituições financeiras.

"Depois de 20% vai preocupar, pela ideologia ultrapassada", afirmou Carlos Alberto Ribeiro, diretor da Novação Distribuidora. Ele acrescenta que a senadora é a "Evo Morales brasileira", em referência ao presidente boliviano, de pensamento nacionalista e radical.

Ao ser questionada pela imprensa sobre a possibilidade de incomodar o mercado financeiro, com alta do dólar e queda nas bolsas, respondeu: "Mas aí os produtores vão gostar". E retrucou que só se incomoda com a candidatura dela "quem não ama o Brasil, quem não é patriota, quem pensa apenas em seus respectivos bolsos e contas bancárias e no futuro brilhante para os seus filhos. Eu penso nos meus filhos, nos filhos da humanidade e da pobreza do Brasil".

A candidata do PSOL faz questão de esclarecer que não está entre os candidatos que falam. "E sou das mulheres que dizem e que fazem. É por isso que defendemos a redução das taxas de juros pela metade". Rejeitando a idéia de que isto representaria o rompimento com o modelo econômico praticado no País nos últimos doze anos — juros altos para combater a inflação e controle das contas públicas —, ela está convencida que cortando a atual Selic de 14,75% ao ano pela metade —, em 2007 o governo federal já teria R\$ 160 bilhões "de dinheiro novo e limpo" para dinamizar setores da economia potenciais em geração de emprego e obras sociais, uma vez que a conta de juros da dívida pública também cairia pela metade.

Ela não vê no corte drástico dos juros a ameaça de volta da inflação. Ao ser questionada por um jornalista como controlar os preços com juros menores, ela soltou a língua afiada com o sotaque nordestino carregado. "Qualquer pessoa honesta intellectualmente sabe que o pouco de inflação existente no Brasil é de custo e não de demanda. Portanto, os preços só subiriam se os banqueiros distribuissem para a população, de uma hora para outra, um trilhão de reais para correrem às compras de geladeira e alimentos. Gastar R\$ 160 bilhões em vez de pagar juros para banqueiros não afugentaria os capitais. Isso é farsa para ludibriar o povo." (Colaborou Ana Paula Machado)